

QUATRO ANDARES

RUBEM BRAGA

1232

É meio atrapalhado; a gente deve ir primeiro ao nono andar; depois descer, e, pela escada, ir vendo o sexto, o quinto e o quarto. O que as senhoras em geral, com esse instinto para tumultuar as coisas que as senhoras têm, não fizeram na inauguração: iam de elevador ao quinto de onde subiam pela escada ao sexto e tomavam o elevador para descer ao quarto, etc. O que deu certo movimento à inauguração, com aqueles senhores alguns importantes e as damas em chapéu a se desencontrarem pelos varios elevadores e escadas. A observação mais importante que ouvi foi a de uma bela senhora morena diante da vasta carnacção rosada de "Le grand nu" de Renoir: "Bom tempo foi esse! A gente comia à vontade e os homens nos achavam ótimas!" — protesto vindo do fundo da alma e do estomago da mulher de hoje, que teve trocar muitos prazeres da mesa pelo prazer de ser admirada. E pensar que as senhoritas de Boticelli nunca fizeram exercicios para "tirar barriga"!

Mas estamos no nono, diante de Renoir; ali veréis ainda uma senhora azul de Picasso, uma paisagem hibernial de Walmink, (há outra, em outro andar, com a neve branca flamejante de golpes de espatula, e o céu a explodir de tão tenso de luz oculta) uma deliciosa paisagem de Morandi, um estranho oleo de Maw Ernst e mais varios quadros bons emprestados pelo Museu de Arte de São Paulo, alem de esculturas de Lipchitz e Brancusi.

Mas vamos agora aos abstratos, mandados vir da Europa por Cicillo Matarazzo e dona Iolanda, do Museu de Arte Moderna de São Paulo; alguns, de resto, não são bem abstratos, como é o caso de Léger, que nos trazem um perfil, vaso e cachimbos esparcos. Para o gosto vulgar dos Braga, há ali alguma coisa não convincente, mas outras que enfeitam e outras que produzem uma certa emoção. O velho Kandinsky comparece (Paul Klee não), especialmente com uma agradável "Tensão clara"; há, entre outros, um Igres e um Van Velde suave, e Manessier, Lenormand, etc., etc.

Olhai-os, oh povo, com a melhor calma, sem vos perguntar se aquilo é pintura ou não, apenas vos perguntando se ficaria bonito numa parede simples, se aquela combinação de linhas e cores não seria interessante ver pela manhã ou à tarde — e às vezes concluireis que sim, às vezes que não, mas de algum modo, reconheceréis que é preciso respeitar a veneta alheia, e enfim não há motivo, minha senhora, para achardes esta fazenda linda ("um amor") e torcerdes o gracioso nariz quando ela vos é apresentada dentro de uma moldura.

Enfim, mais adiante, reencontrareis formas vivas — de Chirico, Matisse, Utrillo (vejam o "Lapin Agile"), De Pisis, Van Dongen...

Mas vejamos os nacionais; e vejamos de coração firme porque alguns deles nos deixam bem com a Patria. Essas quatro marinhas de Pancetti, a começar por uma que o ministro da Educação comprou no ultimo salão mas teve a bondade de expor, e pôr umas pedras na areia em maré baixa, que ontem estavam no chão lá no fundo da sala. Essa pureza da areia que desperta uma vontade sensual de pisar... Vide esses Portinari de varias fases, e esses Di Cavaicanti e Graciano, e como a cronica vai ficando muito comprida vede os outros e mais as esculturas de Celso Antonio, Ceschiatti e Pedrosa e ainda Bruno Giorgi, que alem disso foi quem fez aquela mulher de braços para cima que se vê na entrada do prédio e os painéis em baixo-relevo, uma figuras egipcias cheias de leve graça moderna.

Tudo é na rua do Ouvidor, 61, novo prédio da Sul America Terrestres, Maritimos e Acidentes, e não durará mais de duas semanas. Ia-me esquecendo de dizer para ninguém deixar de reparar em dois quadros do ex-porteiro de hotel de Rio Preto, o Silva, deliciosos de ingenuidade e vida; o Silva vai expor no Rio muito breve e aquilo é apenas uma tímida amostra.

1.5.49

131